

# Dar a volta por cima

O cenário está complicado para a safra de verão. Depois de quatro anos de bons resultados, físicos e monetários, a agricultura de grãos experimentou uma comercialização desfavorável na temporada 2004/05. O período de plantio avançou, mas a indefinição e a falta de clareza para traçar qualquer perspectiva tornam o quadro bem nublado. As vendas de insumos sofrem forte baixa, assim com as entregas de tratores e colheitadeiras. O padrão tecnológico do campo vai piorar.

Em termos de mercado, a influência dos preços varia entre as lavouras. Se nos casos do algodão e do arroz os efeitos são bem negativos, para a soja e o milho, estes se mostram praticamente nulos. O mais dramático é a consequência do câmbio, com a valorização do real frente ao dólar. Embora os custos de produção tenham sido reduzidos, em reais, entre 20% e 25%, quando medidos em dólares, apresentam elevação média de 15%. Um desestímulo para os produtos de exportação.

As cotações internacionais seguem nos patamares históricos normais. A safra norte-americana está dentro da previsibilidade, depois da grande produção do ano passado. Os estoques sofrerão quedas, mas no *front* externo, por ora, não devem surgir grandes surpresas.

O fato mais notório no presente exercício é, mais uma vez, o desempenho formidável das exportações do agronegócio. A dúvida crescente é se os embarques não vão cair. Há bons motivos para essa apreensão. O primeiro, com a pressão dos custos de produção em reais e a estabilidade da receita com a atual paridade real frente ao dólar. O segundo, com os rumos que terá o negócio de carnes, após o ressurgimento da febre aftosa no País.

Em curto prazo, deve pesar a estratégia do governo e da cadeia produtiva da bovinocultura em mostrar ao mundo a qualidade e a eficácia do trabalho sanitário empreendido no território nacio-

nal nos últimos anos. É o momento de transmitir credibilidade e convicção aos clientes. Será um processo duro, a exigir boa condução para a retomada das exportações no tempo mais breve possível.

Tudo aponta para um ambiente de menor vitalidade do agronegócio nos próximos meses. Será um período em que o foco da produção quantitativa perderá força, enquanto a ênfase na qualidade ganhará espaço. A prioridade estará voltada para uma gestão mais austera, de economia na aplicação dos recursos materiais, humanos e financeiros, para reduzir as perdas e melhorar os trabalhos na produção, armazenagem e distribuição, buscar instrumentos e desenvolver controles financeiros modernos. Uma preparação para uma nova fase de *boom* que se abrirá à frente.

Vale destacar o lançamento do Plano Nacional de Agroenergia. O evento constitui um marco na história do agronegócio nacional. É difícil, no presente, assimilar o impacto da agroenergia nas comunidades do interior e no desenvolvimento da agricultura. Mas como a chamada era do petróleo está em contagem regressiva para terminar, outras alternativas tecnológicas terão de ser alcançadas. Nesse sentido, a biomassa surge como uma das respostas mais imediatas. Uma área, sem dúvida, em que o potencial brasileiro não encontra paralelo no mundo. O sucesso do Proálcool, que completou 30 anos, justifica o otimismo. É acreditar e desenvolver uma postura empreendedora para obtenção da vitória.

**Agroanalysis** traz outros temas relevantes nesta edição, como citricultura, laticínios, milho e vitivinicultura, entre outros. Na área de infra-estrutura, destaca a retomada dos investimentos em ferrovias. E comenta os novos instrumentos de financiamento da agricultura, além de analisar a mecanização do setor. Um esforço para brindar os leitores com informações de boa qualidade. ■